

# Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 80 — Domingo, 19 de Dezembro de 1954

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Depois de 1 de Janeiro de 1955, a nenhum indivíduo que tenha entre 14 e 15 anos será dada autorização para emigrar, se não tiver feito, pelo menos, o exame da 3.ª classe, com excepção dos anormais ou de mulheres casadas que acompanhem os seus maridos ou sejam por eles chamadas.

AVENÇA

## A VISITA MINISTERIAL AO ALGARVE VAI SER FINALMENTE CONSTRUÍDA A DOCA DE PESCA

### ALÉM DOUTROS IMPORTANTES MELHORAMENTOS NESTE CONCELHO

NO prosseguimento da sua viagem de 5 dias pela nossa provincia, aonde veio visitar as importantes obras em curso e tomar directo conhecimento das mais instantes necessidades e aspirações das várias localidades do Algarve, esteve nesta vila, na passada segunda-feira, 15 do corrente, o illustre titular da pasta das Obras Públicas do Governo da Nação, sr. eng. Eduardo Arantes e Oliveira.

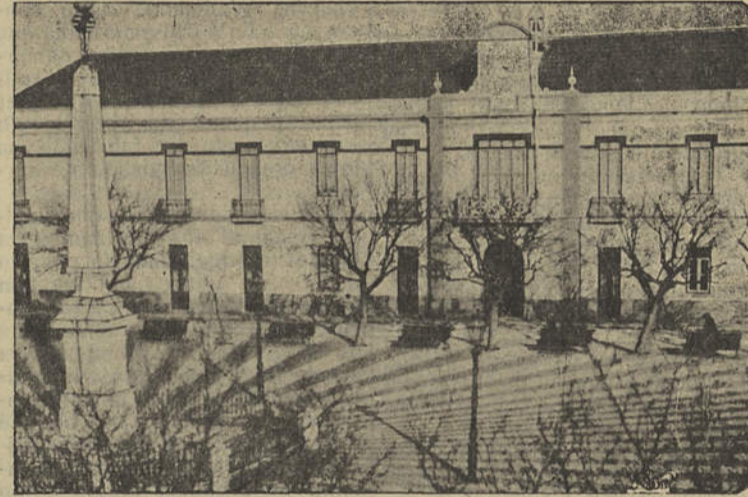
Este prestigioso membro da governação pública fazia-se acompanhar, nesta digressão de trabalho, exaustiva mas profícua, pelos seus mais directos colaboradores

nos vários serviços do seu ministério, os quais, por estarem devidamente integrados em todos os pormenores dos trabalhos ainda em estudo ou já em vias de execução, permitiram ao ministro uma rápida e segura apreciação dos assuntos, nos seus aspectos técnicos e financeiros, donde resultaram decisões imediatas, consoante a conveniência e urgência dos problemas locais que lhe foram submetidos. São estes processos de actuação que, aliados ao prestigio pessoal, dignificam os governantes e inspiram confiança aos governados.

Faziam parte da comitiva ministerial os senhores engenheiros Gomes da Silva, Sá e Mello e Armando da Costa, respectivamente, directores-gerais dos Edifícios e Monumentos Nacionais, da Urbanização e dos Serviços Hidráulicos; eng. Carlos Abecasis, director dos Serviços Marítimos; eng. Manuel de Mascarenhas Gaivão, governador civil deste distrito; capitão Carlos Marques Loureiro, comandante da Polícia de Segurança Pública de Faro; eng. Pessanha Viegas, director dos Serviços de Urbanização; dr. José Correia do Nascimento, presidente da Junta de Provincia; eng. Reis Pereira, director dos Edifícios Na-

cionais do Sul; eng. Acácio Monteiro, director da Hidráulica do Guadiana; eng. Silveira Ramos, director das Estradas; eng. Silva Pera, director das Construções Escolares, e outras individualidades.

Nos limites do nosso concelho, (CONTINUA NA 4.ª PAGINA)



Fachada da domus municipal local, no mais puro estilo «fabrica de sabonetes», que, por louvável iniciativa do sr. presidente da Câmara, se pretende reintegrar na primitiva feição pombalina — restituindo à praça, onde se encontra, todo o seu encanto arquitectónico.

## OUTRA CONFERÊNCIA na Casa do Algarve NO BOM CAMINHO

Pelo Eng. J. SILVA CARVALHO

DISSEMOS aqui, ainda não há muito tempo, que, num ciclo de conferências que queira cumprir a sua finalidade social, importava mais a escolha dos temas e conteúdos do que propriamente o nome e categoria dos conferencistas. Com isto, pretendíamos fazer sentir que um

esforço cultural é muito mais útil orientado às camadas populares do que propriamente às «élites», desnecessitadas ou menos necessitadas de cultura.

A Casa do Algarve deve ter decerto pensado no erro tremendo de organizar sessões carregadas de eruditismo e, desta vez, lavou-se dos seus pecados e entrou decidida no seu verdadeiro caminho, oferecendo-nos, na noite de 7 de Dezembro, uma palestra agradável e leve, acessível às inteligências medianas. Ninguém perdeu nada em ter-se deslocado à rua Capelo: os incultos adquiriram um certo número de ideias básicas que, por elementares, se lhes fixaram no entendimento; os cultos recordaram, sem enfado, coisas já sabidas e, no final, puderam ainda deliciar-se com uma síntese proferida pelo professor Hernâni Cidade.

Óptima sessão, portanto, que muito honra quem pretende fazer cultura, a bem da Cultura. E quanto temos a dizer, para marcar a imparcialidade que sempre orienta as nossas impressões.

Com a sala quase literalmente cheia, foi a sessão aberta pelo dr. Ferreira de Almeida, que saudou o prof. Hernâni Cidade, dirigindo

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

## Conta Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

### Não me falem

Não.  
Não me falem de morte no Outono.  
Esta serenidade é enganadora.  
As flores deslizando como seres humildes despojados de tudo...  
As árvores desirmanando os ventos...  
Cenário Real, a vida,  
A vida que se despe como uma actriz entre uma cena e a seguinte.

### Crítica

Teus versos, pequenos vasos de faiança mimosa onde o teu drama plantas e nos tentas...  
Ora pois!  
Aprende, amiga, que o mar é a vitória das gotas microscópicas.  
Acaso poderia um transatlântico sulcar apenas uma dessas gotas?  
Vamos! Entende o mar, ganha horizontes onde sendo tu própria possas ver milhões.

### Crepúsculo

A tarde abriu uma pequena clareira onde doze rapasinhos jogam o voleibol.  
Seus gritos...  
Sua emoção...  
As discussões...  
Os gestos de escultura que a subalimentação torna imperfeitos (de qualquer modo os gestos que se pressentem...)

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

## “SARDINHA” GARRETT E D. MARIA II ESSA PALAVRA MÁGICA NO SEU EXÍLIO EM LONDRES E PARIS

Pelo Major SOUSA NUNES

A ASSOCIAÇÃO dos Fabricantes de Peixe da Califórnia, em cooperação com a Associação Nacional dos Fabricantes, organizou um «Comité», que tem por fim estabelecer «standards» de identificação da sardinha. O programa dos trabalhos, bastante vasto, compreende a compilação de toda a literatura científica, nacional e estrangeira, que trata da classificação e identificação da «sardinha», investigação sobre a origem desta palavra e colecção das amostras de todos os produtos rotulados e vendidos como «sardinha», ou como tal designados, estrangeiros e nacionais.

Portugal e todos os países produtores da genuína e famigerada sardinha, a «Clupea Pilchardus», devem estar atentos a esta manobra de grande estilo, de que se desconhecem ainda bem os verdadeiros objectivos, mas da qual é lícito supor, dadas as lamentáveis experiências neste assunto, no passado, que está em marcha nos E. U. um novo e desleal ataque à designação «sardinha».

Não andaremos muito longe da verdade, a julgar por certos indícios, que os industriais de conservas da Califórnia pretendem conseguir que as autoridades da «Pure Food», que superintende na legalidade das designações dos

produtos alimentícios conservados, autorize que as conservas de «anchova» americanas sejam rotuladas de «sardinha» e proibam, ao mesmo tempo, esta designação a algumas conservas importadas. Para avaliar a extensão que atingiu o abuso do uso

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

GARRETT seguiu de Lisboa para Londres, em cumprimento do seu segundo exílio, nos

meados de 1828 e, mal chegou, o embaixador dos liberais, o illustre marquês de Palmela, nomeou-o secretário da embaixada, abrindo-lhe as portas do seu lar.

«Eu vivi poucos meses na Inglaterra, mas posso dizer que foram os primeiros que vivi» — conta-nos ele na primeira carta a Joanninha, em «Viagens da Minha Terra». «Levou-me o acaso, o destino, a minha estrela, ao interior de uma família elegante, rica de tudo que pode dar distinção, neste mundo.»

«Estranhei aqueles hábitos de civilização, que me

(CONTINUA NA 3.ª PAGINA)

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

## A SEMENTE e o sonho

UM CONTO DE N. RODRIGUES PENA

OS seus cabelos negros, humedecidos de suor, espalhavam-se pelo traveseiro; dores agudas e profundas dilaceravam o corpo da jovem. No rosto miúdo e trigueiro, luziam os olhos onde se reflectia a luz fenecida e branda da tarde, que lentamente morria ao longe, no horizonte. E a sombra crepuscular alagava todo o campo, insinuava-se no casarão de pedra, mergulhava todas as coisas numa atmosfera indefinida, quase dramática. A um canto, no lado oposto, onde se encontrava deitada a mulher, desenhavam-se os contornos do corpo dum homem, os braços caídos, a cabeça vergada para o chão, o olhar absorto, como quem divaga ou concentra a atenção num único acontecimento da vida. De vez em quando, a rapariga lançava-lhe um olhar rápido, e os seus lábios abriam-se num sorriso humano e muito compreensivo. — Não devias falar como ontem o fizeste; devias ter guardado isso para muito mais tarde. Dissera estas palavras numa voz muito fraca, muito débil.

## I EXPOSIÇÃO REGIONAL DE POMBOS CORREIOS

A COMISSÃO Columbófila do Distrito de Faro está a organizar uma Exposição de Pombos Correios, naquela cidade, sob o patrocínio da Federação Portuguesa de Columbófilos, e com a colaboração de todas as colectividades do distrito.

Conta já com valiosos troféus, para atribuir aos primeiros classificados,

## A COMUNIDADE LUSO-BRASILEIRA

GRANDE e notabilíssima página da história da Comunidade Luso-Brasileira é o já memorável discurso pronunciado pelo sr. Presidente do Conselho na Assembleia Nacional sobre o Tratado de Amizade e Consulta Luso-Brasileiro, há um ano assinado no Rio de Janeiro, e já ratificado pelo Parlamento da nação irmã, como agora o foi pela nossa Assembleia Nacional.

Referindo-se à importância do notável instrumento diplomático, disse, e muito expressivamente, o sr. Presidente do Conselho:

«O aspecto mais importante e de mais vasta repercussão política é deduzir-se da existência da comunidade luso-brasileira»

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)



OS GRANDES SEGREDOS DA INDÚSTRIA: — Confidencialmente: Parece que o «Citroën» do ano que vem traz um novo modelo de cinzeiro.

De vez em quando...

## A CANTINA escolar

RESPONDO ao seu postal, não tanto para lhe agradecer as palavras de gentileza com que nele me aspergiu, como para me felicitar por o meu escrito ter despertado algum eco de simpatia e compreensão. E sendo assim, resta-me ainda felicitar as minhas colegas de Vila Real de Santo António por terem ganho a batalha que empreenderam.

Eu sabia, antecipadamente, que assim seria.

Evidentemente, que me não quero emplumar com a vaidade de ter sido eu quem tal conseguí. Seria heresia pensá-lo, e sujeitava-me a ser depenado.

Simplesmente me limitei a interpretar aquilo que sentiam, como se diz no postal, as consciências bem formadas.

As cruzadas do bem vencem-se quando o coração as sente. Há muitos que riem, ouvindo estas palavras, mas esses são os que confundem coração com estômago — a mais abominável de todas as vísceras — e nele me tem tudo, desde o coração que sente, à consciência que julga. São os que se supõem muito alto, mas, para felicidade nossa, não são o Sol, porque então o mundo ficaria em trevas e todos morreriam enregelados. Deles não brota nem luz nem calor. Somente os arrotos das suas pesadas digestões.

Vila Real de Santo António há-de criar e sustentar a sua cantina escolar, onde os seus filhos mais pobrezinhos vão encontrar as forças que os levem a sentar-se, sem desfalecimentos, nos bancos da escola e dali sair com a preparação para poderem enfrentar as lutas duras e lmpiedosas da vida.

Eu queria que todos lá fossem, para que não sentissem o trabalho da escola aqueles que lá tomem as suas refeições.

Na escola, todos devem ser iguais, só sobressaindo os que possuam qualidades naturais de relevo: inteligência, bondade, respeito, etc..

E creio que Vila Real de Santo António vai erguer esta obra triunfante, principalmente porque é uma vila manifestamente cristã, como tem dado conhecidas e sobejas provas.

Para ser cristão, torna-se necessário compreender a sublime doutrina de Cristo; senti-la... e praticá-la. E eu não vejo onde ela melhor possa ser praticada, interpretando-a eficazmente, do que amparando as crianças.

«Deixai vir a mim os pequeninos...» praguejou o doce Jesus, e ainda mais completamente: «Amai-vos uns aos outros, como irmãos.»

E o amor de irmãos deve começar no berço.

Lembremo-nos sempre de que uma criança com fome é um azorrague a acoutar-nos, é um ferrete em brasa a marcar-nos a face, é a ponta dum alfinete a romper o balão da nossa vaidade de supercivilizados.

Trindade e Lima

## Notícias PESSOAIS

### Partidas e Chegadas

Encontra-se em Lisboa o sr. dr. Alonso Vasques, nosso prezado amigo e ilustre presidente da Câmara Municipal desta vila.

Também se encontra na capital o nosso prezado assinante e amigo, sr. dr. Reinaldo Raül Prazeres, presidente da comissão concelhia da União Nacional desta vila e clínico muito distinto.

Tivemos o prazer de cumprimentar, nesta vila, aonde veio em serviço profissional, o nosso querido amigo e prezado colaborador, sr. José Barão, distinto jornalista-redactor de «O Século», a quem o «Notícias do Algarve» deve muitos e brilhantes artigos em defesa dos interesses da nossa terra.

Foi eleito vereador da Câmara Municipal de Faro, para o quadriênio de 1955-1958, o sr. dr. Osvaldo Santana Fernandes, distinto colaborador do nosso jornal.

Integrado na comitiva do sr. ministro das Obras Públicas, esteve nesta vila, na passada segunda-feira, o sr. dr. Mário Lyster Franco, ilustre director do nosso prezado colega de Faro «Correio do Sul», e chefe dos serviços distritais do «Diário de Notícias».

Com pouca demora, esteve em Lisboa o sr. dr. Pedro Pacheco Neto Mil-Homens, meritíssimo Juiz de Direito em Faro e nosso prezado assinante.

Com sua esposa, encontra-se em Lisboa, aonde foi passar as festas do Natal com sua família, o nosso prezado amigo e conterráneo, sr. cap. Joaquim Guilherme Travassos.

Esteve nesta vila, com pouca demora, o nosso conterráneo e prezado assinante, sr. Alberto Oliveira, residente em Lisboa.

De visita a sua família, encontra-se entre nós o nosso prezado amigo e conterráneo, sr. António Cabellos Oropeza Toledo, filho do nosso estimado assinante, sr. António Gomes Toledo, conceituado industrial de padaria na nossa praça.

Em gozo de férias encontra-se nesta vila, o sr. João Manuel Machado Faisca.

### Casamentos

Realizou-se, no passado dia 11, na Igreja matriz de Portimão, a cerimónia do casamento da sr.ª D. Maria Ana Bicker Correia da Costa, gentil filha da sr.ª D. Ana Júdice Bicker Correia da Costa e do nosso querido amigo sr. cap. João Josino da Costa, importante industrial naquela cidade algarvia, com o sr. dr. José Arsénio de Oliveira Moreira, médico em Monchique, filho da sr.ª D. Ana Helena Pinheiro Garcia Reis Moreira e do sr. coronel Artur Arsénio de Oliveira Moreira.

Paraninharam o acto, por parte da noiva, sua tia, sr.ª D. Maria Ana Bicker Correia da Costa, e seu pai; por parte do noivo, sua mãe e seu tio, sr. coronel eng. Jorge Arsénio de Oliveira Moreira, antigo inspector das Obras Públicas.

O novo casal, a quem desejamos as maiores venturas, seguiu para Espanha, em viagem de núpcias, devendo fixar residência em Monchique.

No passado dia 16, realizou-se, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Encarnação, a cerimónia do casamento da sr.ª D. Emília dos Santos, prezada filha da sr.ª D. Maria dos Santos Ferreira e do sr. José Rosindo dos Santos, já falecido, com o sr. José Luis Duarte Gomes, empregado das oficinas do nosso jornal, filho da sr.ª D. Balbina Duarte e do sr. Leopoldo Luis Gomes.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, seu tio, sr. António dos Santos Rita e sua esposa, sr.ª D. Maria Ferreira Rita, e por parte do noivo, o sr. José António Rodrigues e sua esposa, sr.ª D. Luísa Maria Rodrigues.

Finda a cerimónia, foi servido, em casa da mãe da noiva, um finíssimo copo-de-água.

O novo casal, a quem desejamos as maiores felicidades, seguiu, em viagem de núpcias, para a Praia da Rocha.

### Doente

Encontra-se doente, com certa gravidade o nosso prezado amigo e assinante, sr. João Ribeiro Barbosa, a quem desejamos rápidas melhoras.

## Tinturaria Portuguesa

APARTADO N.º 24  
MATOSINHOS

## Conferência na Casa do Algarve

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

depois um breve elogio ao conferente, Julião Quintinha, que classificou de grande trabalhador e não menos grande amigo da Casa do Algarve.

Seguiu-se no uso da palavra o major Mateus Moreno. Agradeceu a presença do prof. Hernâni Cidade, a quem o unia um afecto de há 37 anos, quando da campanha da grande guerra. Disse, também, sentir-se honrado por ter de anunciar uma conferência integrada no centenário de Garrett, e entrou na apreciação do conferente, que declarou admirar há mais de 40 anos.

Continuando no seu discurso, o major Mateus Moreno acrescentou que o nome de Julião Quintinha não necessitava de adjectivos de qualificação perante o público habituado a apreciar os seus trabalhos. E a propósito, referiu-se a uma novela publicada há 32 anos, lendo alguns trechos da crítica que, já nesse tempo, via nele um elemento de futuro nas letras portuguesas. E a terminar, enalteceu o amor que Julião Quintinha nutre pela sua província, lendo algumas palavras do discurso pronunciado por este, na última confraternização da Casa do Algarve.

Num pequeno intróito, Julião Quintinha agradeceu as «palavras bondosas» do major Mateus Moreno, que lhe caíram no coração. E acrescentou: — Os velhos são como as crianças: umas e outros gostam de ser bem tratados.

Procurando, decerto, pôr-se a coberto das imposições da Comissão Cultural, Quintinha entrou a justificar o seu trabalho, frisando que não iria pronunciar uma conferência, mas uma simples palestra despidida de pretensões, porquanto considerava-se apenas «um velho jornalista e autodidata, que há meio século vive com as letras». Iria, pois, tratar a figura de Garrett, vitorioso nesta «vibrante comemoração», sem pretender juntar nada ao que já foi dito.

Entrando abertamente no assunto da palestra, subordinada ao título «Garrett e o Algarve», apresentou, em resumo, as múltiplas facetas do comemorado, referiu a sua obra e o seu tempo, para concluir que... «era feito do mesmo barro humano de todos os mortais». Apesar de enorme — disse — o autor do Frei não conseguiu opuscar outros grandes da sua época, entre os quais Herculanio, que «gravou em bronze o Eurico». Os versos garrettianos tão-pouco fizeram esquecer os de João de Deus, e a sua prosa de ficção não suplantou os romances de Camilo. Contudo, foi notável pela multiplicidade dos géneros que cultivou: Além de orador, jornalista, legislador, e pedagogo, no teatro conseguiu ser o maior de todos.

Referindo-se, na generalidade, ao ressurgimento da arte dramática, Julião Quintinha citou passagiramente os anos do exílio, o cerco do Porto, os amores platónicos, os anseios de liberdade, tirando daí que a Garrett nada faltou para ser um grande homem porque... até praticou tremendos erros!

Daqui em diante, o conferente caiu a fundo sobre o poema D. Branca, limitando-se ao relato do que lá se encontra escrito, com recitações de alguns versos mais típicos, onde o romantismo transbordava com mais veemência.

No final deste relato, que talvez tivesse durado meia hora, Quintinha classificou a arquitectura do poema como assente na pura irrealdade, possuindo episódios «ultra fantásticos», inspirados em «fetiços, bruxedos e encantamentos», que estariam em moda no Algarve. Apoiado, possivelmente, na bem elaborada história do dr. Garcia Domingues, falou-nos de Paio Peres Correia, o conquistador de Silves, e em Aben Afan, o último rei mouro daquela cidade, citando algumas lendas, como a do Pego do Pulo, onde dizem que este encontrou a morte. E a propósito, desmentiu a narração lendária, porquanto Aben Afan ainda vivia em 1264.

Após estas considerações, o conferente observou que Garrett não teve em conta as datas históricas, na feitura da sua obra, dando-nos uma D. Branca amorosa, impossível de ser a filha de D. Afonso III, sem as preocupações do escritor Sousa Nunes que, escrevendo sobre o mesmo tema, quis harmonizar a fantasia com a história.

Falando, seguidamente, sobre a 1.ª edição da D. Branca, informou que saiu assinada com as letras F. E., que durante muito tempo se julgou serem as iniciais de Filinto Elisio. E a propósito, referiu que não constando que Garrett tivesse visitado o Algarve, antes de escrever o poema, é possível se tivesse inspirado sobre informações de diversos autores, entre eles, um Silva que se julga ser João Baptista da Silva Lopes, homem de letras e façanhudo liberal. E

aqui, Quintinha terminou a palestra declarando que os algarvios têm razão para, ao menos, «serem gratos à gloriosa memória do poeta.»

Coube, em seguida, a vez à declamadora Maria Helena de Mira, que ofereceu à assistência um pequeno recital sobre poesias de Garrett, que abriu com o «Pescador da barca bela», e fechou com «As minhas asas».

Tomou, depois, a palavra o prof. Hernâni Cidade, que confessou a sua satisfação em se encontrar na intimidade do dr. Ferreira de Almeida e do major Mateus Moreno. Após um rápido elogio do conferente, o ilustre professor de letras entregou-se a uma série de considerações sobre Garrett, que a assistência premiou com uma prolongada salva de palmas.

Duma maneira geral, Hernâni Cidade colocou Garrett ao alcance de todos os seus ouvintes, sublinhando aquelas ideias básicas que caracterizam o porquê da sua grandeza.

Assim, em conversa amena, disse-nos:

Garrett fez muito com «palavras de todos os dias». Esse foi o seu grande mérito. Foi um grande poeta popular e grande, porque... foi o primeiro.

Certamente, a refutar as ideias da palestra anterior, acrescentou: Depois de Garrett é que vieram João de Deus, António Nobre, Afonso Lopes Vieira — tudo uma grande dinastia de poetas.

E precisando um pouco mais, disse-nos: — Quando Garrett escreveu a D. Branca, realizou, nem mais nem menos, o primeiro poema que, além disso, introduziu no romantismo um sentido folclórico e pitoresco, inspirado nas lendas e tradições nacionais, anulando as tendências da antiga poesia. O poeta expulsou da literatura portuguesa as divindades e outros motivos de cariz clássico.

Segundo o prof. Hernâni Cidade, a D. Branca foi uma tentativa de romantismo, no sentido de nacionalizar a poesia, usando os temas maravilhosos das lendas populares, razão por que devemos apreciar a iniciativa de Garrett. No prosseguimento da sua notável lição, o ilustre professor falou-nos ainda do problema «Camões» (como um género oposto à D. Branca) sintetizado por um romantismo individual, subjectivo e sentimentalista. Sob este aspecto, comparou Garrett a Byron, para lembrar que a relação entre os poetas era precisamente condecente com a relação existente entre os heróis das suas obras. E caindo, de novo, no duplo aspecto do romantismo garrettiano, atribuiu-o ao facto do poeta sentir melhor que ninguém a alma da Nação portuguesa, por motivo das suas andanças pelo estrangeiro, que lhe proporcionaram contactos culturais com outros povos, necessários para melhor conhecer o seu povo.

J. Silva Carvalho

## Comemorações GARRETTIANAS

### EM PORTIMÃO

PROMOVIDAS pelos Serviços Culturais e coadjuvadas pelas escolas primárias de Portimão, realizam-se, nos próximos dias 18, 19 e 20 do corrente, naquela importante cidade, as comemorações de homenagem ao Visconde de Almeida Garrett, de cujo programa constam, entre outros, os seguintes actos: Recitativos e exibição do orfeão escolar; inauguração duma placa comemorativa do Centenário, na rua do ilustre escritor; sessões solenes; conferências de estudo crítico; exposição bibliográfica das obras de Garrett; e, no último dia, a exibição do filme «Frei Luis de Sousa», no cine-teatro, precedida de comentários críticos à peça em que se baseou o argumento da mesma película.

## Santa Casa da Misericórdia de Vila Real de Santo António

A MESA da Santa Casa da Misericórdia de Vila Real de Santo António torna público que o sorteio, que estava para realizar-se no dia 30 do corrente, teve de ser adiado por motivo de não terem sido ainda pagas nem devolvidas muitas das cadernetas de bilhetes distribuídas por várias localidades.

A nova data do sorteio será, oportunamente, indicada em todos os jornais.

## PROVINCIA

### VILA NOVA DE CACELA

#### Doente

Após uma grave infecção na cara, encontra-se em franca convalescença o nosso prezado assinante, sr. dr. Armando Campos Palermo, proprietário da farmácia local.

Desejamos-lhe rápido e completo restabelecimento.

#### Falecimento

Na residência de seu filho, sr. João Pedro Maldonado Júnior, faleceu, no passado dia 15, a sr.ª D. Maria José Maldonado, de 80 anos de idade, viúva do sr. João Pedro Maldonado.

O seu funeral realizou-se, no dia seguinte, para o cemitério local.

À família enlutada, apresentamos sentidas condolências. — e.

## A SARDINHA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

irregular da designação «sardinha», enumeramos os países que o utilizam, imprópriamente, nas suas conservas: África do Sul, Bélgica, Canadá, Chile, Dinamarca, E. U. A., Finlândia, Holanda, Islândia, Japão, México, Noruega, Perú, Suécia, Venezuela.

Para esta lamentável situação, que prejudica enormemente as indústrias que conservam a verdadeira sardinha, a «Sardinha pilchardus Walbaum», muito concorreu a lei norte-americana que estabeleceu, para defesa comercial das suas conservas de «pilchards» e arenque, que qualquer peixe pequeno da família do arenque pode ser fabricado em latas com a designação de sardinha.

A nossa suposição de que a agitação actual dos fabricantes da Califórnia, que aliam ao poderio económico a força política, tem em vista conseguir que a «anchova», que é um peixe semelhante ao nosso biqueirão, possa também ser rotulada com a palavra mágica «sardinha», o que as autoridades da «Pure Food» não têm até aqui consentido, por a não considerarem como pertencendo à família do arenque, baseia-se no importante papel que a «anchova» representa, actualmente, na economia da indústria conserveira californiana.

Em virtude da grande e prolongada escassez do «pilchard», que caiu das alturas astronómicas das 700.000 ton. anuais para uns escassos milhares de ton., no ano passado, os industriais de conservas da Califórnia começaram a utilizar, em sua substituição, a «anchova» de que existe uma extraordinária abundância nas águas do Pacífico. Até então, este peixe era só aplicado como isca para outras pescas.

A produção, no ano passado, de conservas de «anchova» fabricada em molho de tomate, principalmente, e também de mostarda, atingiu cerca de 1.150.000 caixas, o que coloca, desde já, esta conserva em 5.º lugar entre as da Costa do Pacífico, depois do atum e do salmão. Esta produção pode ser facilmente aumentada várias vezes mais.

O consumidor americano, porém, habituado a que as latas rotuladas de «anchovy» continham peixe curado pelo sal, em filetes, não aceita bem esta designação para as conservas de peixe inteiro, fresco, fabricado à maneira da sardinha.

Avalia-se, portanto, o enorme interesse que os industriais californianos terão na mudança da designação de «anchovy» para «sardine», que lhes solucionaria as enormes dificuldades e compensaria os prejuízos que sofrem, desde há anos, com a crise do «pilchard» e para a qual os cientistas que estudam as suas causas não prevêem remédio nos anos mais próximos.

A esta pretensão dos conserveiros da Califórnia devem opôr-se, com o auxílio dos meios oficiais de que dispõem, os industriais portugueses, espanhóis, franceses e marroquinos, fabricantes de conservas da «Alosa Sardinia», que só existe nas águas dos seus países.

Sob o ponto de vista científico, incluem-se no género «sardina» umas seis espécies diferentes, dispersas por todo o mundo, semelhantes à nossa sardinha europeia, mas a que se não deve dar este nome, e com as quais o dr. Hubbs, americano, criou um novo género, «sardinops», numa proposta feita à Academia das Ciências da Califórnia, em 1929.

Adoptando a classificação do dr. Hubbs, as espécies do género «sardina», são as seguintes: «Sardinops Coerulea», que habita nas costas da Califórnia; «Sardinops sagax», nas costas do Perú e do Chile; «Sardinops melanosticta», nas costas do Japão; «Sardinops neopilchardus», nas costas meridionais da Austrália e Nova Zelândia; «Sardinops ocellata», nas costas meridionais da África, desde o sul de Angola até ao Natal.

A palavra «sardinha» que se usava já em 1553 e que Cuvier retomou, chamando aos peixes pescados em França «Clupea Sardi-

na», foi adoptada pelos franceses, desde o início da sua indústria conserveira em 1822, para designar os peixes pescados nas suas costas e metidos em latas.

Só em 1879, os noruegueses começaram a conservar o «brising» (espadiilha) em óleo, chamando-lhe então «Sprøten in Oel»; mais tarde, enviaram-no para Inglaterra com o nome de «Sprats à la sardine» e, finalmente, «Norwegian Sardines», que hoje usam.

Na campanha de propaganda que fazem presentemente, os Estados Unidos proclamam aos quatro ventos que a melhor sardinha vem da Noruega!... A sardinha genuína tem características exteriores e interiores que a distinguem facilmente do «sprat» e do arenque.

«Foi o grande valor e a superior qualidade das conservas de sardinha, em relação às conservas de outros peixes, que induziram os produtores destas ao uso ilegal duma falsa indicação de qualidade e de origem, numa intenção caracterizada de dar à oferta da mercadoria uma aparência particularmente vantajosa». Nestes termos se pronunciou o Tribunal de Apelação Hanséatica de Hamburgo, na sentença que proferiu contra o uso da designação «sardinha», nas latas de conservas de «sprat» norueguês, em 20 de Maio de 1914.

No mesmo sentido sentenciaram os tribunais em França, em 15 de Maio de 1910, na Inglaterra, em 28 de Julho de 1915 e na Bélgica, em 18 de Abril de 1932.

A palavra mágica «sardinha» era, e é, o «abrete Sésamo» de todos os mercados para as conservas de peixe.

A Comissão Internacional Permanente das Conservas, na sua reunião em Bruxelas, em 1950, aprovou a resolução de que a designação de «sardinha» fosse reservada exclusivamente à espécie «Clupea Pilchardus Walbaum» e resolveu pedir à I. S. O. e à F. A. O. que fizessem prevalecer esta resolução.

Estamos certos de que os representantes, naquela Comissão, dos países interessados neste assunto, entre eles o ilustre Director do I. P. C. P., tudo farão para que termine este abuso e se restabeleça o respeito pelas designações exactas no comércio internacional das conservas de peixe.

### JUNTA DE FREGUESIA

### CANTINA DOS INDIGENTES

DESDE o dia 8 do corrente, o Refeitório dos Indigentes desta vila, a cargo da Junta de Freguesia local, tem estado a fornecer duas refeições diárias aos necessitados.

Todavia, em virtude de as possibilidades financeiras da Junta serem muito limitadas, este benefício não poderá manter-se senão por 30 dias, a não ser que aquele organismo receba alguns auxílios de eventuais contribuintes, que desejem ajudar este benemérito empreendimento, para que a Junta não se veja forçada a suspender o funcionamento do Refeitório, por falta de possibilidades materiais.

Consta-nos que um generoso anónimo, que já muito tem feito pela assistência local, tencionava assumir inteiramente o encargo de oferecer, no mesmo Refeitório, um jantar aos pobres, no próximo dia de Natal. Bem haja, por isso, sendo de desejar que outros, que para tanto tenham possibilidades, queiram seguir o seu exemplo.

## PREDIO

### VENDE-SE

Na Rua Cândido dos Reis, 31, nesta vila.  
Propostas ao dr. Luis Bernardino da Silva—Oihão.

## AGENDA

### MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António  
De 10 a 16 de Dezembro:

TRAINEIRAS	
Maria Rosa . . . . .	64 010\$00
Brisa . . . . .	48.394\$00
Leste . . . . .	41.240\$00
Raulito . . . . .	37.760\$00
Levante . . . . .	29.905\$00
Flor do Norte . . . . .	24.985\$00
Tufão . . . . .	24.370\$00
Liberta . . . . .	19.640\$00
Agadão . . . . .	19.305\$00
Pérola do Guadiana . . . . .	16.830\$00
Infante . . . . .	16.330\$00
Sam Domingos . . . . .	15.160\$00
Deolinda Rita . . . . .	14.400\$00
Persistente . . . . .	12.920\$00
Janita . . . . .	12.835\$00
Briosa . . . . .	11.000\$00
Novo S. José . . . . .	10.529\$00
Costa Azul . . . . .	1.865\$00
Total . . . . .	421.478\$00

### Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 10 a 16 de Dezembro:

**Entrados:**  
COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.  
STARLING, Inglês, de 1.356 ton., de Cádiz, com carga em trânsito.  
**Saídos:**  
STARLING, Inglês, para o Porto, com alfarroba.

### FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 18 a 24 de Dezembro, a Farmácia CARRILHO, Praça Marquês de Pombal - Telefone 49.

## Tinturaria Portuguesa

APARTADO N.º 24  
MATOSINHOS

## RÁPIDO DO ALGARVE

### (SERVIÇO ESPECIAL DO NATAL)

POR ocasião da próxima quadra festiva do Natal, decidiu a C. P. estabelecer um serviço especial de comboios semidirectos, entre Faro e Lisboa e vice-versa, como segue: — Nos dias 22, 23, 24 e 25 de Dezembro, o comboio n.º 8011 circula de Lisboa (T. do Paço) a Faro, com ligação de automotores para Lagos e Vila Real. Nos dias 22, 23, 24, 26 e 27 de Dezembro, o comboio n.º 8012 efectua-se de Faro para Lisboa, servido pelas mesmas ligações.

Este serviço destina-se (dê-lo a C. P.) a «assegurar» o transporte de passageiros no Sul do País. Permittimo-nos, todavia, pôr em dúvida a propriedade do termo «assegurar», e mais uma vez temos de verificar, com mágoa, que o Algarve — e especialmente o Setúbal — continua a ser prejudicado, no capítulo ferroviário de «rápidos».

## CONTA-GOTAS

E eu vibrando com eles

Eu em pleno crepúsculo tormentoso orgulhosa de ser a consciência de seus frágeis acenos imperfeitos.

### Ganção

A minha mão a tua mão  
aves, espumas,  
voando juntas.  
A minha mão, a tua mão  
«raiz» com o mesmo destino dentro.  
A minha mão, a tua mão  
aonde a vida se refugia.  
Música e fruto...

Maria Manuela Nunes

## TRADUÇÕES E CORRESPONDÊNCIA

em Francês, Italiano, Espanhol, Inglês e Alemão (Comercial ou Técnica), executado em m/ casa, em máquina nova própria, com rapidez e discreção.

F. MORAIS RODRIGUES  
Rua Miguel Bombarda, 30  
Vila Real de Santo António

## HORTA

Vende-se, próximo desta vila. Tratar na Rua Cândido dos Reis, 76 — Vila Real Sto. António.

OS NOSSOS CONTOS

A SEMENTE E O SONHO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

dum rato a morder a madeira podre das taipas. Lá fora, uma brisa branda trazia-lhes frescura, e da terra, mergulhada já nas sombras da noite, soltavam-se sons confusos. Por ligeiros momentos, as dores violentas cessaram de atormentar a Maria teve uma súbita necessidade de falar:

— Não sei, não compreendo o teu feito; todos os homens se sentem felizes e alegres quando esperam um filho, todos festejam esse acontecimento a seu modo e como podem, só tu encaras as coisas duma maneira diferente. Calou-se, como esperando a reacção do homem, mas ele continuava a olhá-la com os seus olhos frios e sombrios.

— Agradava-me que compartilhasse das minhas esperanças, desse fogo que me vai pelo coração.

— É melhor te calares, Maria, estás muito fraca e qualquer esforço te prejudica.

— Não, não, José; ontem, quando falaste daquele modo, sem o sabes, destruíste muitas das minhas esperanças. Eu bem sei que andas desorientado, que a vida não nos tem corrido bem, que ambos merecíamos um pouco mais de sorte. Sim, eu sei tudo isto, mas não esqueço que se não devem dizer coisas como as que ontem me disseste. Quase não te lembras que sou uma mulher doente, e estou em vésperas de me tornar mãe.

A voz do homem levantou-se no silêncio da noite; era uma voz áspera, tensa de angústia; Maria, é melhor não continuares; sossega, sou um homem que a vida já envenenou, um homem que nada tem a esperar do dia seguinte. Erguera-se. O seu corpo era o de um homem derreado, vencido pelo destino — ouve, Maria, justamente poderás considerar-me um covarde, mas não é bem isso, não se trata verdadeiramente de covardia. Tenho pensado muito, tenho meditado nas responsabilidades de se trazer uma vida ao mundo. E depois, a vida, a nossa vida... sabes como tenho lutado, como sempre me empenhei nesta freima pela vida. Não, não é que eu deseje um filho com a mesma violência como tu o ambicionas. O que é certo é que a vida me causa um medo horrível. E no entanto, dias e noites, sonhei com esse filho que pesa no teu ventre. Os sonhos que acalentei, mulher! Sonhei-o forte, os braços rijos, umas mãos nascidas e criadas para dominarem a rabiça do arado e abrirem os sulcos da terra como só um homem sabe desejar e capaz de fazer. Tive, também, a minha loucura. Um homem, Maria, por mais que diga o contrário, não pode, sem uma grande tristeza, deixar de afagar as suas esperanças na vida. Mas, a vida, para pessoas como nós, acaba sempre por tornar-se uma mentira. Olha-se para o nosso mundo e para a nossa gente, e só se vê sofrimento, doença, miséria.

As palavras exasperadas do homem aumentavam o sofrimento da companheira. Avivaram-se as dores no seu corpo. Era como se uma lâmina estivesse a retalhar ao vivo a sua carne.

— Sempre me disseram que ter um filho era um acontecimento doloroso. A dor é um pesado tributo que se paga à vida. Estou a experimentar essas dores, e posso garantir-te que suportar bem todo o sofrimento. Tudo me dói... E como vês, José, estou corajosa e impaciente pela chegada do nosso filho! E' o sofrimento que me ajudará no futuro a amá-lo e a defendê-lo. Não, o mundo não me mete medo. Ele terá o seu lugar na vida, como os filhos das outras mulheres, e lutará por esse lugar como tu lutaste e como todos lutarão; sofrerá como todos nós, continuará a vida que nós não sabemos merecer. Quando se lança uma semente à terra, sabes bem como nós, gente do campo, a acarinhámos, desde o momento em que a deixámos ao chão, até romper da terra. E' um afecto que só nós compreendemos e sentimos. Não te lembras de quando cortaram a pequena macieira que tu plantaste no barranco, junto à ladeira? Era uma bela planta, e esse ano, que a cortaram, estava já cheia de folhas e de pequenos frutos? O que tu choraste, homem! Choraste como uma criança a quem lhe roubaram um brinquedo, o seu melhor brinquedo; e disseste, então, que não era bem pelos frutos, não era por isso que te desesperavas, mas que aquilo te custava muito, porque tinhas sido tu que a plantaras, e desejavas vê-la, um dia, uma grande e bela árvore.

— Sim, choraste como uma criança que sabe apreciar o valor das coisas e se não envergonha de lamentar a sua perda. Uma ocasião, José, deseste-me a entender, quando falei no desejo de ter um filho, que era melhor destruir a semente do nosso sonho. Lembreste-me que éramos pobres, que não tínhamos onde cair mortos, como se eu não soubesse tudo isso. Disseste que os meus sonhos eram de louca! Ao princípio, até julguei que estivesse bêbedo. Viu-se já um homem falar

desse jeito? Loucuras! Não, não estavas bêbedo, era bicho ruim que te aconselhava tais palavras; era a amargura, o desalento, que falava por ti. Alguém já pensou, ao lançar a semente à terra, destruí-la pelas suas próprias mãos? Pois também eu tenho meditado muito na nossa vida, também tenho pensado nas responsabilidades de oferecer um filho ao mundo. Mas nós não temos o direito de destruir a semente do nosso sonho e da nossa esperança. Se a terra é que destrói a semente, só a vida tem o direito de a acarinhá-la ou destruí-la. Que a vida não é nada fácil para gente como nós, isso não é motivo para desesperos. Um filho é sempre uma promessa para os pais e sei lá se para o mundo! Talvez um dia compreenda as coisas muito melhor do que nós, talvez descubra o sentido de muitos acontecimentos que nos escaparam, ou nós não sabemos entender. Terá como ajuda a nossa fraca experiência. Nunca imaginei que uma mulher alimentasse sonhos tão ambiciosos acerca dum filho que vai nascer. Era por tudo isto que eu desejava que compartilhasse dos meus sonhos, que te esforçasses por compreender tudo o que sinto, essa louca esperança que trago nas raízes do meu ser.

Uma dor mais aguda e forte percorreu-lhe todo o corpo, a rapariga reprimiu os gritos na garganta, seus olhos cerraram-se num sofrimento doloroso. Seus lábios, exangues e pálidos, continuavam a sorrir. Todo o rosto, perturbado pelo sofrimento, irradiava simpatia e amor. Deleve o seu doce olhar no vulto amaranhado do companheiro. Envolveu-o numa onda de ternura, apesar das dores que lhe dilaceravam a carne. Seus lábios, entretanto, continuavam a sorrir. Sorriam, principalmente, para o homem amaranhado, como a comunicar-lhe coragem e esperança. Mais uma vez, lhe acudiam à cabeça pensamentos ousados; teve medo, receou pelo filho que ia nascer. Não estaria ela a desafiar a ira de Deus? Sentia-se, simultaneamente, um ser humilde e poderoso, um ser capaz dos maiores heroísmos e das mais intrépidas abnegações. Na sua frente, o homem continuava mergulhado em profundos e sombrios pensamentos. Com a sua voz exausta e débil, chamou-o para seu lado. Suas mãos esguias, a transpirar, afagaram a cabeça do companheiro. Um grito esterturado irrompeu da garganta da rapariga, um odor quente a sangue derramou-se pelo tégurio. As árvores oscilaram, na branda e luminosa claridade da manhã. Depois, sobreveio uma completa serenidade, e a rapariga caiu numa modorra, nesta transição entre a morte e a vida. Sufocava os gritos na garganta, e ao redor tudo se enchêu de inquietude e vida; aves ergueram-se assustadas dos ramos e bateram as asas, no ar diafano e calmo da manhã; o sol cobriu de mais vivo o verde das árvores, susurrou mais vivamente a água, a cair pelas fragas. Dir-se-ia que tudo se libertara da letargia e do sonho. E o homem, erguendo os braços fortes e nús, mostrou aos olhos da companheira e ofereceu à luz nascente da manhã um pequenino ser, que se agitava e soltava gritos. A mulher, de cabeça abandonada no travesseiro da cama humilde, os olhos banhados de uma doce e tranquila felicidade, abria suavemente os lábios, num sorriso misterioso.

Rodrigues Pena

BANDA DE MÚSICA

Precisa subchefe habilitado, de preferência sargento reformado. Condições e mais esclarecimento presta o Comandante do Terço da Legião Portuguesa de Olhão.

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositarie nesta Vila: MANUEL DA SILVA DOMINEZ Avenida da República Telefone 12



DESPORTO

FUTEBOL

Campeonato Nacional-II Divisão (Zona Sul)

O CAMPEONATO Nacional da II Divisão, na zona Sul, está na verdade a despertar enorme interesse. Dos grupos do Montijo, Oriental, Farense, Estoril e Coruchense, sairão, a nosso ver, os três que representarão esta zona, na fase final do referido campeonato.

Apresz-nos registar o meritório comportamento dos três clubes algarvios nesta prova, pois, a seguirem nesta forma, ficarão, nos futuros anos, a representar naquela importante prova, como de costume, o bom nome do futebol algarvio. E na verdade, é uma honra para todos os desportistas algarvios e, em especial, para a Associação regional ficar com três concorrentes, e pena é que o Lusitano...

Nos jogos respeitantes à última jornada o S. C. Farense consentiu no seu próprio ambiente um empate frente ao União de Montemor, o mesmo sucedendo com o Portimonense, em Porimão, em que inesperadamente cederam um ponto aos Oihanenses.

Vamos dar, a seguir, os habituais comentários destes dois encontros.

**Farense, 2—União de Montemor, 2**  
Jogo no Estádio de S. Luís, em Faro. Arbitrou a partida o sr. Manuel Valente, da Associação de Futebol de Beja. Jogo presenciado por pouco público.

Pelo União, marcaram, Pinho e Carmo.

Pelo Farense, marcaram Vinuza e Alfredo.

Quem diria que o Farense perdia um ponto, no seu campo, frente ao «lanterna vermelha»?

Apesar de todos os seus esforços, no sentido de vencer o encontro e subir para o 2.º posto, conforme estava previsto, o Farense, embora jogando em casa, consentiu que o seu adversário lhe impusesse um empate, que veio a complicar, assim, a sua carreira, até aqui excelente.

Todavia, os farenenses eram, pelo menos teoricamente, considerados favoritos.

Com efeito, a turma da capital do Distrito, embora dotada de jogadores rápidos e com excessiva vontade, conta, a nosso ver, apenas com dois ou três jogadores que se possam chamar, na aceção do termo, «praticantes de futebol».

A simpática equipa do União de Montemor foi, quanto a nós, a melhor; pelo menos, a menos má no terreno, durante o tempo regular. Enquanto o Farense se preocupava com cruzamentos para os extremos, corridas e remates de qualquer maneira e posição, a equipa visitante apenas atacava, em contra ataques e sempre com a defesa bem colocada.

Não tiveram os atletas do Farense tacto nem inteligência para desorganizarem a bem organizada defesa dos adversários, para ganhar o jogo.

De todos os jogadores do Farense, Vinuza foi o que lutou contra a adversidade. Dos restantes, Lanzinha e Queimado merecem boa classificação.

No Montemor, todos jogaram «excelentemente, e não se devem, pois, destacar elementos, visto todos terem jogado com vontade e bastante alma.

Em resumo: empate justo. O director da partida não mostrou pulso suficiente. Permittedo jogo violento e também que os jogadores discordassem das suas decisões.

CASA

Vende-se, localizada na Rua Cândido dos Reis, n.º 163, desta vila. Tratar na Avenida da República, n.º 118.

EDITAL

João António da Silva Graça Martins, engenheiro-chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que Firmino António Júnior, requereu licença para instalar uma padaria de fabrico de pão de trigo e farinha espoada, incluída na 3.ª classe, com os inconvenientes de fumo e perigo de incêndio, situada em Monte Gordo, freguesia e concelho de Vila Real de Santo António e distrito de Faro, confrontando, ao norte e nascente, com Ruas em projecto, ao sul com Miguel António e ao poente com terrenos da Câmara.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2-2 (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 14 de Dezembro de 1954.

O eng.-chefe da Circunscrição, João António da S. Graça Martins

Visado pela Comissão de Censura

EMPRESA RODOVIÁRIA

Horário da nova carreira entre VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO e BEJA Com início em 21 de Dezembro de 1954

Cheg.	Part.	LOCALIDADES	Cheg.	Part.
—	15,00	Beja	15,40	—
15,11	15,12	Boavista	15,28	15,29
15,51	15,52	Trindade (cruz.º)	15,08	15,09
15,56	15,57	Vale de Açor	12,45	12,44
16,12	16,15	Algodor	12,27	12,28
16,22	16,25	Alcaria Ruiva	12,17	12,18
16,54	17,00	Mértola	11,44	11,46
17,28	17,29	Espírito Santo	11,16	11,16
17,36	17,37	Zambujal	11,09	11,09
17,51	17,52	Santa Marta	10,55	10,55
18,12	18,13	Balurco (cruz.º)	10,55	10,55
18,26	18,27	Alcoutim	10,21	10,22
18,40	18,41	Balurco (cruz.º)	10,08	10,08
18,44	18,45	Balurco	10,04	10,05
19,25	19,26	Odeleite	9,25	9,24
19,49	19,50	Azinhah	8,59	9,00
20,15	20,15	Castro Marim	8,55	8,56
20,25	—	Vila Real de Santo António	—	8,25

EFFECTUA-SE DIARIAMENTE  
NOTA—Esta carreira substitui a existente entre Vila Real de Santo António e Mértola. Mantém-se todos os actuais horários entre Mértola e Beja.

Falecimentos

**Jacinto Carlos Garcia**  
No passado dia 14 do corrente, faleceu o sr. Jacinto Carlos Garcia, de 68 anos, mestre de fabrico de conservas, natural desta vila, que deixa viúva a sr.ª D. Rita do Rosário Delgado Garcia.

O extinto era pai das sr.ªs D. Susana e D. Maria de Lourdes Delgado Garcia, do sr. José Delgado Garcia e do nosso prezado amigo, sr. Manuel Delgado Garcia, guarda-livros da firma Raúl Folque & Filhos, Lda. O funeral, que se realizou no dia seguinte, teve grande acompanhamento, por serem bastantes estimados e considerados, nesta vila, tanto o finado como sua família, à qual apresentamos sentidas condolências.

Dos serviços funerários, encarregou-se a «Agência Patrocínio».

**Manuel da Costa Guimarães**  
Em 15 do mês corrente, faleceu, nesta vila, o sr. Manuel da Costa Guimarães, de 64 anos, trabalhador, daqui natural e residente.

Era pai das sr.ªs D. Adelina, D. Maria e D. Celestina da Costa Guimarães, e do sr. José António da Costa Guimarães, a quem apresentamos os nossos pesames.

O funeral esteve a cargo da «Agência Patrocínio».

GRALHAS

ESTES impertinentes bicharocos invadiram o artigo, publicado no nosso penúltimo número, «As Comemorações do V Centenário do Infante D. Henrique», da autoria do sr. major Mateus Moreno, causando-lhe alguns danos, que nos apressamos a reparar, apresentando desculpas ao seu ilustre autor e aos leitores. Assim: na 1.ª página, 2.ª coluna, linha 54, onde se lê: «prodigalizada», deve ler-se: «prodigalizadora». Na 4.ª página, 1.ª coluna, linhas 11 e 12, onde se lê: «avivar ao nosso culto o valor», deve ler-se: «avivar no nosso culto o valor». Na 4.ª linha do capítulo da mesma página, que começa por «Tão falha», onde se lê: «que já vai expressa», deve ler-se: «que já vi expressa».

Na legenda da gravura, faltou a indicação: «Painel do Infante do», visto que se não reproduz o triptico, mas apenas uma parte dele.

EDITAL

João António da Silva Graça Martins, engenheiro-chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que José Frederico Rosa requereu licença para instalar uma padaria de fabrico de pão de trigo de farinha espoada, incluída na 3.ª classe, com os inconvenientes de fumo e perigo de incêndio, situada no Pocinho, freguesia de Vila Nova de Cacela, concelho de Vila Real de Santo António, distrito de Faro, confrontando ao norte e ao sul com o requerente, ao nascente com Serafim Rodrigues e ao poente com a Estrada Municipal de Cacela à Corte de António Martins.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo, nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2-2 (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 6 de Dezembro de 1954.

O eng.-chefe da Circunscrição, João António da S. Graça Martins

CINE-FOZ

Apresenta, hoje, um grandioso programa duplo, em duas sessões. «Matinées», às 15,30 horas, o maravilhoso filme de Walt Disney, «As aventuras de Peter Pan», em technicolor. Uma grande aventura no «País da Imaginação», com piratas, índios, duendes e formosíssimas sereias.

(Espectáculo para crianças, para indivíduos com mais de 6 anos).  
«Soirées», às 21,15 horas, «As aventuras de Peter Pan e Tarzan e as sereias», no mais emocionante filme do Rei da Selva.  
(Espectáculo sem classificação especial, para indivíduos com mais de 13 anos).  
Quinta-feira, 23, sensacional programa duplo, «A montanha vermelha», com Allan Ladd e Elizabeth Scott. O filme descreve-nos a vida duma mulher indomável a lutar pela sua honra.  
O grande Tenório, com Bob Hope e Ronda Fleming. Todas as mulheres apaixonando-se pelo impagável D. Juan.  
(Espectáculo para indivíduos com mais de 18 anos).

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

ORDENS E DESORDENS

Há desordens criadoras, e ordens que correspondem ao puro marasma. Mais paradoxalmente: há desordens que, no fundo, são ordem; ordens que, medularmente, encobrem a mais atroz das desordens.

FUTURO

O futuro não é como os poetas, de quem se diz que acabadinhos; poetas nascuntur. Não, senhores. O futuro somos nós que o fazemos com o nosso presente, do mesmo modo que o nosso presente já estava um tanto em incubação, no passado. Bom presente dá garantias de bom futuro. Não esperemos que o futuro excelente venha até nós por geração espontânea: criemo-lo com a nossa inteligência e diligência.

COSMOS E CÃOS INTERIORES

O homem de aptidões nítidas, de vocação determinada, caminha para o seu alvo, sem hesitações. Uma força irresistível o chama—e ele se deixa ir. Não se verifica nele um polípepo de solicitações em vários sentidos. Não é campo de batalha de desencontradas tendências. Não se regista nele a campanha da hegemonia deste ou daquele impulso.

O mesmo não acontece num espírito universal, impellido por múltiplas curiosidades, por diversos instintos, por contraditórias paixões, ora pelo ódio ora pelo amor, ora pela fé, ora pela descrença, ora pelo entusiasmo, ora pelo desânimo.

Se o homem de vocação unívoca é cosmos por dentro e por fora, o homem de vocação múltipla chega a ser cãos. Sofre de uma como que desagregação mental, é uma espécie de «poira amorfa de pensamentos, emoções e volições divergentes», dá-nos a impressão de uma personalidade invertebrada, prestes a dissolver-se.

IMAGINAÇÃO

Malebranche até parecia ter tido questão pessoal com a imaginação. «Homem nenhum—dizta Voltaire—gastou mais imaginação a combater a imaginação.»

A imaginação é um tanto como as línguas de Esopo: a melhor e a pior das coisas. A pior, se a não contrastarmos, constantemente, com a realidade; se tomarmos as nossas fantasias, as nossas quimeras, como mais reais do que a própria realidade. A melhor, se a tomarmos como asa que nos permite subir a mundos onde possamos repousar, um pouco, dos encontros que demos nas brônzeas telas da realidade. A melhor, ainda, por nos permitir formular as hipóteses, sem as quais a ciência não pode progredir.

O homem é superior aos animais, precisamente pela sua capacidade de imaginar algo de novo, dispondo, ao mesmo tempo, dos recursos necessários para concretizar muitas das suas fantasias.

SINTONIZAÇÃO CONJUGAL

Num velho conto indiano, há um rei cego—de nome Dhribarashtra—que tem de aparecer em público, acompanhado de sua mulher, Gandhari. Que faz esta, então, para não vexar o seu esposo querido, criando-lhe uma situação de inferioridade, perante os seus súbditos? Venda os próprios olhos, para dar a impressão de cega.

Quando o amor conjugal é verdadeiro, há perfeita sintonização afectiva entre os esposos. Nenhum é superior ao outro, porque ambos são iguais.

VERDADE

Geralmente, toda a verdade começa por ser heresia, ou paradoxo, e acaba por ser ortodoxia, ou trivialidade. Começa por aborçoar os espíritos, tirando-lhes o sono, e acaba por adormecê-los, em sono profundo, como se tivessem tomado narcótico às colheres de sopa.

COMISSÃO MUNICIPAL DE ARTE E ARQUEOLOGIA DE FARO

TEVE a sua primeira reunião, no passado dia 3, a Comissão Municipal de Arte e Arqueologia de Faro, recentemente constituída, e de que fazem parte os srs. Raúl Cúmano de Bivar Weinholtz (presidente), dr. Mário Lyster Franco, dr. Joaquim da Rocha Peixoto de Magalhães e rev. Padre Carlos do Nascimento Patrício.

# Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

ANO II N.º 80

DOMINGO

19 - Dezembro - 1954

Director  
João A. Dias Pena  
Editor e Proprietário  
Armando R. Cruz

## GARRETT E D. MARIA II

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

agradaram, contudo. Moldei-me facilmente a eles, sem perder a minha natureza de planta estrangeira.»

«Havia naquela casa três meninas... e eu adorei-as todas três.»

Se a menina Eugénia Palmela, com 16 anos, entrava no número delas, quem eram as outras duas, visto não haver ali outras em condições de ser admiradas? Vamos em procura delas.

Em 5 de Julho de 1828, D. Maria II deixava as terras de Vera Cruz, a fim de ser educada na Áustria, na corte de seu avô, o imperador Francisco II, acompanhada dos marqueses de Barbacena.

deve a elaboração de todo o programa da sua cultura, formando hoje um dos mais importantes dos seus livros, intitulado «Carta a uma senhora sobre a educação de uma princesa».

Portanto, D. Maria II é uma das três meninas admiradas por Garrett, a mais nova delas, a Georgina, no romance. Quem foi a terceira, aquela que «em breve amava perdidamente — a Laura, que casou com um capitão das Índias?»

No dia 2 de Agosto de 1823, casou por procuração, em Munique, Maria Amélia de Beauharnais, de 17 anos, filha dos duques de Leuchtenberg, com o imperador do Brasil, a qual no



ALMEIDA GARRETT  
(Gravura em madeira de M. Cabanas)

Porém, em Gibraltar, onde chegaram a 5 de Setembro, sendo este informado que D. Miguel se proclamara rei absoluto de Portugal e repudiara sua mulher, mudou de rumo a Londres, em 80, onde desembarcou em 7 de Outubro.

E' o próprio Garrett quem nos descreve as impressões da chegada:

«Não esqueceu, nem jamais esquecerá a nenhum português, que presenciasse a cena que na manhã do dia 7 de Outubro de 1828, viram os salões do hotel Grillon em Londres», onde se foi hospedar, enquanto se não concluíam as obras de reparação de um palácio que alugou, junto da embaixada.

«Foi ali que essa criança de dez anos, proscrita de seu reino e de seu trono, abandonada de seu marido, recebeu as homenagens dos seus súbditos, sem pátria como ela. Tenho-a ainda presente, como se fosse nesta hora, a figura, o gesto, a expressão intraduzível de alegria e de tristeza com que a marquesa de Palmela assistiu, no lugar que lhe competia, próximo à rainha, a essa grande cerimónia.»

«Todo o tempo que S. M. demorou em Inglaterra, foi a marquesa de Palmela sua constante guia e companhia, velando com interesse e com uma ansiedade verdadeiramente maternal na augusta rainha e a cujo serviço de educação ela de bom grado inteiramente se consagrava» Almeida Garrett, Memórias Biográficas, pags. 88 a 40.

Seria o poeta o seu principal professor, e a ele se

mesmo dia tomou o caminho de Londres, a esperar, junto da entada, transporte para o Rio de Janeiro. Esta é que é a Laura, e não a outra.

A viagem para o Rio teve lugar a bordo da «Nau Imperatriz», no dia 29 de Agosto de 1829; nela tomando lugar também a rainha, por a Inglaterra haver reconhecido D. Miguel. Garrett deixou Londres e foi morar em Warwick, em casa dos srs. Hadley, onde decorreu o exílio e não havia sombra de mulheres.

Em 7 de Abril de 1831, foi expulso do Brasil o seu imperador, o qual se proclamou rei de Portugal, com o nome de D. Pedro IV, e embarcou para Inglaterra, a fim de ser reconhecido em 12 de Julho. D. Maria II desembarcou em Brest, com os seus tios, os duques de Loulé, em 14 de Julho, e foi instalada no palácio da rua de Courcelles, onde morara Robespierre, em Paris.

Ai se lhe foram juntar, primeiro Garrett, e depois, a imperatriz, no último período de gravidez, de que nasceu uma menina, no 1.º de Dezembro, a qual teve o mesmo nome da mãe.

No dia 29 de Fevereiro de 1832, Garrett teve de separar-se da rainha e da imperatriz, destronadas, para servir, em soldado raso, nos Açores.

## Visita Ministerial ao Algarve

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

aguardavam o ilustre visitante os srs. dr. Alonso Vasques e Matias Barroso Gomes Sanches, respectivamente, presidente e vice-presidente da Câmara, vereadores municipais, dr. Reinaldo Prazeres, pela U. N., e outras personalidades, algumas das quais seguiram para a Quinta de Cima, propriedade do ilustre deputado pelo Algarve e antigo ministro, eng. Sebastião Garcia Ramirez, onde o ministro visitante almoçou, acompanhado pelas entidades mais categorizadas.

Entretanto, num restaurante desta localidade, foi oferecido pelo Município um almoço ao restante séquito oficial, com a comparação do vice-presidente da Câmara.

### Valorização de Monte Gordo

Terminado o repasto, seguiu-se a visita à vizinha praia de Monte Gordo, tendo ali sido apreciada «in loco» o antepiano de urbanização daquela estância balnear, cujo autor é o arquitecto sr. Jorge de Oliveira, e que contém, entre outras interessantes inovações, um desvio da estrada nacional, seguindo a orla costeira, a partir do sítio do «Gancho», na Aldeia Nova, para ligar à estrada da Mata conducente a Vila Real, o que virá facilitar mais o acesso àquela praia.

Do mesmo plano, constam outros melhoramentos de suma importância, que muito contribuirão para valorizar Monte Gordo, se vierem a ser aprovados superiormente e executados com a possível brevidade. Assim, estão previstos para realização: o bairro para pescadores, mercado, hotel de turismo, zona residencial, campos de jogos, para tennis e tiro aos pratos, um bem necessário parque infantil, colónia balnear alentejana e, finalmente, um parque de campismo, no pinhal utilizado, há alguns anos, para este efeito, por muitas famílias praticantes desta modalidade desportiva.

### Construção do porto de pesca

À chegada a esta vila, pelas 16 horas, o cortejo de automóveis dirigiu-se imediatamente para as instalações do porto comercial, a fim de o sr. eng. Arantes e Oliveira inspecionar a zona de terreno onde vai ser construída a doca de pesca, tão necessária ao

ra os Açores» — 5.ª Carta de Carlos a Joaninha, em «Viagens da Minha Terra».

Nos fins de Setembro, estando já no Porto, fez parte de uma missão a Londres, com Palmela e Loulé. Aqueles voltaram a Portugal, e Garrett não se sabe onde esteve. Em Setembro de 1833, estavam em Lisboa a rainha e a madrastra; dois meses depois, estava junto delas o seu poeta!

Não querem que se diga que Garrett amou a rainha D. Maria II e que fora corresponsido, o que ainda se não provou.

O que se pode provar, a toda a hora, é que, desde que há poetas em Portugal, nenhum outro foi mais dedicado a uma rainha; nenhuma outra rainha se mostrou mais agradecida a um poeta.

Desde que conviveram em Londres e em Paris, tudo o que escreveu foi para ela. Seis vezes esteve para ser destronada, e de todas deu ele o melhor do seu esforço para o evitar. A 1.ª foi por seu tio; a 2.ª por seu pai; a 3.ª pelos Setembristas, na Belenzada, a favor da filha da madrastra; a 4.ª ainda pelos Setembristas, na derrota dos Marechais, a favor também de seu filho, ou da República; a 6.ª pela morte... e perdeu. Mas, um ano depois, foi-se-lhe juntar no céu, porque podia, lá mesmo, precisar da sua dedicação.

Sousa Nunes

## A COMUNIDADE LUSO-BRASILEIRA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

sileira o princípio da consulta em todos os problemas internacionais de manifesto interesse comum, em ordem à possível coordenação de atitudes e esforços. Da nossa banda, pode dizer-se que o Brasil tem entrado ao lado da aliança britânica e da estreita amizade peninsular, como uma constante subentendida da política externa portuguesa. E' certo que abusivamente, vista a inexistência de textos que a tanto nos autorizassem; com o apoio bastante, porém, na história comum e nos laços de família que sentimamente nos prendem nos indissolúvelmente.»

Nestas tão lucidas como expressivas afirmações está, com efeito, uma síntese notável e admirável do que é e vale o importante instrumento diplomático no comércio das relações internacionais e principalmente na claridade diáfana em que coloca a comunidade lusobrasileira.

Brasil e Portugal, sendo embora duas nações independentes, são, no entanto, e em muitos casos, em matéria de política internacional, um só pensamento e uma só opinião. Como muito bem disse o Presidente do Conselho, o mais importante é o princípio de consulta entre os dois países, em todos os problemas internacionais de manifesto interesse comum.

Na hora em que tantos povos e nações procuram, em vão, encontrar o verdadeiro caminho do mais são e certo entendimento, a comunidade lusobrasileira dá ao mundo um exemplo, que não pode deixar de ser posto em relevo, de ser celebrado em louvor e alegria pelo que pode ser e valer, na construção da paz, a autêntica paz de que há de sair o mundo novo.

### CHISCO PARA BRASEIRAS

Vende-se, em sacos ou a retalho, na Padaria Felizardo, desta Vila.

comandante, sr. Luís Cardoso de Figueiredo, compartilhar a obra de construção no local escolhido, mas com algumas alterações, pelo que, até Março próximo, deverá ser-lhe apresentado um novo projecto do quartel, orçado em cerca de 500 contos.

Sendo quase noite e considerando terminada a sua visita a esta vila, retirou-se o ilustre membro do Governo, com a sua comitiva e autoridades municipais e distritais, em direcção à vizinha vila de Castro Marim, onde também se informou das necessidades mais instantes daquele concelho, tendo visitado a ponte em reparação, o castelo e forte e os sapais, cujas obras de irrigação ansiosamente se esperavam. A Câmara do concelho vizinho, sob a presidência do nosso amigo, sr. Jacinto Andrade de Figueiredo, obteve do sr. ministro a promessa de ali se fazerem várias obras de interesse para aquele concelho.

Feito o balanço final dos benefícios agora concedidos, e como corolário desta visita ministerial, aprez-nos registar que a nossa terra pode considerar-se de parabéns, visto que, numa maneira geral, vamos finalmente ver satisfeitas algumas das mais gratas aspirações locais por que muito temos pugnado, nestas colunas de «Notícias do Algarve», com o valioso e brilhante concurso dos nossos prestigiosos colegas da capital, «O Século» e o «Diário Popular», aos quais aproveitamos o ensejo para agradecer o interesse que lhes têm merecido os problemas relativos ao progresso da nossa querida vila.

### O novo Quartel dos Bombeiros

Submetida ao sr. eng. Arantes e Oliveira a planta do novo aquartelamento destinado aos nossos prestimosos e dedicados Bombeiros Voluntários, decidiu o sr. ministro, depois de ouvir o prestigioso